

IMPLEMENTAÇÃO DE SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E ALTERNATIVA POR MEIO DE MÚSICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Munique Massaro

Universidade Federal da Paraíba, munique@ce.ufpb.br

Introdução

A política de educação inclusiva é uma realidade na nossa sociedade. Para sua efetivação se faz necessário implementar recursos e estratégias para que o aluno público-alvo da Educação Especial possa não só ter o acesso, mas participar em igualdade de condições do processo de ensino-aprendizagem na escola (BRASIL, 2008).

As instituições de ensino devem prever o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para eliminar as barreiras que impedem a plena participação dos alunos. A promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos aos alunos público-alvo da Educação Especial envolvem o planejamento e a organização de recursos e serviços (BRASIL, 2008).

O uso da tecnologia assistiva pode favorecer a aprendizagem e a participação das pessoas com deficiência nas diferentes situações da rotina em ambientes naturais, como em contextos sociais, familiar, educacional e de trabalho.

Cabe ao professor da Educação Especial, dentre as suas diversas funções, ensinar e possibilitar que os alunos usem a tecnologia assistiva de forma a ampliar suas habilidades funcionais, promovendo autonomia e participação; e estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, tanto pedagogos, como licenciados, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009).

Essa parceria entre os professores requer uma colaboração, devido a diversas demandas que envolvem o processo de inclusão. O trabalho colaborativo promove a prática reflexiva de todos os envolvidos no contexto escolar e exige o compartilhamento de metas e responsabilidades, em uma horizontalidade, para favorecer a aprendizagem de todos os alunos (MENDES, 2006).

Dentre os recursos de tecnologia assistiva estão os sistemas e recursos de comunicação suplementar e alternativa que têm sido empregados para ampliar a fala ou substituir a linguagem falada quando a mesma está impossibilitada de ser adquirida, tornando possível ou modificando o desenvolvimento da comunicação e da linguagem em crianças com deficiência motora, dificuldades de aprendizagem, autismo, entre outros. Os sistemas pictográficos possibilitam o desenvolvimento da recepção, compreensão e expressão da linguagem destas (ASHA, 1989; VON TETZCHNER, 2009; LIGHT; MCNAUGHTON, 2012).

Von Teztchner e colaboradores (2005) apontaram que há necessidade de o meio ambiente oferecer um suporte para as crianças com deficiência terem acesso às linguagens alternativas de forma funcional. Estes autores alertaram que a escola, principalmente a Educação Infantil, poderia ser um ambiente com suporte para os alunos adquirirem e desenvolverem as competências para a comunicação e interação. Assim, a escola tem como compromisso adequar o meio ambiente e oferecer formação aos profissionais no contexto das linguagens alternativas (DELIBERATO; NUNES, 2015; SOUZA, 2015).

Assim, o objetivo desta pesquisa é implementar recursos de acessibilidade em comunicação suplementar e alternativa, por meio de músicas infantis, para o processo de ensino

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

e aprendizagem de alunos com deficiência e necessidades complexas de comunicação na Educação Infantil.

Metodologia

Anteriormente ao início das atividades da pesquisa, cumprindo às recomendações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que versa sobre Ética em Pesquisa com seres humanos, o projeto foi submetido à avaliação por um Comitê de Ética.

A coleta de dados será realizada de junho a novembro de 2018, na escola de Educação Infantil selecionada de um município da Mata Paraibana do Estado da Paraíba.

Primeiramente foi identificado alunos com deficiência e necessidades complexas de comunicação que estudam nas escolas públicas de Educação Infantil de um município da Mata Paraibana, por meio do contato com a Secretaria da Educação. A Secretaria da Educação indicou uma escola, a qual está sendo realizada a pesquisa.

Estão participando da pesquisa duas professoras de Educação Infantil do ensino regular, duas alunas com diagnóstico do transtorno do espectro autista de 3 e 4 anos com necessidades complexas de comunicação, suas cuidadoras e seus colegas de classe.

O projeto de pesquisa prevê a realização de entrevistas com os professores e o desenvolvimento de um programa de intervenção composto por três etapas:

1. Capacitação teórica à toda equipe da escola a respeito da linguagem e comunicação. Essa orientação será realizada por meio de apresentações em slides, fotos e filmes ilustrativos, em quatro encontros, durante reuniões pedagógicas coletivas. Também serão apresentados recursos de tecnologia assistiva e sistemas de comunicação suplementares e alternativos, como: o *Picture Communication Symbols* (PCS), ARASAAC, objetos concretos e miniaturas. Essa orientação terá o objetivo de conscientizar os professores e a gestão da escola acerca da importância dessa temática.

2. Identificação das habilidades do aluno com deficiência, do planejamento pedagógico do professor do ensino regular e o plano de ensino individualizado do professor da Educação Especial referente ao aluno com deficiência.

3. Seleção das canções infantis, elaboração e adaptação de recursos por meio dos sistemas de comunicação suplementares e alternativos e, assim, o desenvolvimento das atividades na sala de aula do ensino regular com alunos com e sem deficiência. Essas atividades na sala de aula do ensino regular serão desenvolvidas em um trabalho colaborativo com os professores selecionados. Serão realizados pelo menos dez encontros de atividades com as crianças, uma vez na semana. Durante o programa de intervenção será utilizada a filmagem, fotografias das atividades e diário de campo (DELIBERATO, 2009; MASSARO, 2016).

Após as atividades, as entrevistas e as filmagens serão transcritas. Após elaboração do material, realizar-se-á a análise qualitativa e quantitativa dos dados, identificando categorias e subcategorias de análise (BARDIN, 2000).

Resultados parciais e Discussão

A escola não possui sala de recursos multifuncionais e as alunas com transtorno do espectro autista não estão sendo atendidas por uma professora especialista em Educação Especial no Atendimento Educacional Especializado. Previamente, esta pesquisa pretendia realizar entrevista com a professora do AEE e realizar um trabalho em conjunto para a implementação dos sistemas e recursos de comunicação suplementar e alternativa.

A escola também ainda não disponibilizou dias e horários para promover a capacitação de toda equipe escolar. Esta pesquisa pretende realizar a formação continuada acerca do uso da Comunicação Suplementar e Alternativa e o desenvolvimento de linguagem das crianças, não só de professores ou gestão escolar, mas de todos os funcionários, como: merendeira, faxineiras, porteiro, cuidadores.

Os professores recebem formação continuada na Secretaria da Educação, a respeito de diversos assuntos, mas não tem um horário específico na escola, semanalmente, de reuniões pedagógicas. Quando há necessidade, a diretora da escola se reúne com os professores, durante o período de aula dos alunos. A escola não possui um coordenador pedagógico.

Dessa maneira, ainda não foi encontrado um meio para viabilizar esses encontros de formação continuada e se será possível realizar esta etapa da pesquisa.

Até o momento, foram realizadas as entrevistas com as professoras e iniciada a terceira etapa do programa de intervenção, com a realização de um encontro.

A respeito das professoras, segue um quadro de caracterização.

Quadro 1 – Caracterização das professoras

Nome*	Maria	Michele
Idade	33 anos	41 anos
Formação	Pedagogia, com especialização em Educação Infantil incompleto	Pedagogia
Tempo de Trabalho na Educação Infantil	13 anos	11 anos

Fonte: produção da própria autora.

*Os nomes são fictícios.

Na entrevista, as duas professoras indicaram que nunca ouviram falar da área de Comunicação Suplementar e Alternativa, nunca participaram de cursos de formação continuada em Educação Especial, mas que durante a graduação tiveram conteúdos acerca da Educação Especial. Michele relatou que não se recorda qual foi a disciplina e nem os conteúdos abordados. Já Maria disse que aprendeu sobre como lidar com as crianças com deficiência na sala de aula, como confeccionar atividades, jogos de tabuleiro.

As duas professoras também relataram que já lecionaram para alunos com deficiência, como: deficiência auditiva, síndrome de down, paralisia cerebral, mas que nunca tiveram alunos com necessidades complexas de comunicação.

Além disso, as duas professoras relataram que utilizam os mesmos brinquedos e atividades com os alunos com e sem deficiência.

Acerca do processo de inclusão das alunas na escola, segue o relato de Maria:

Entre os alunos há uma interação sadia, eles não têm preconceitos nenhum, brincam e em relação aos profissionais nós tentamos trabalhar da melhor maneira possível.

A professora Michele também relatou que avalia de forma positiva a inclusão da aluna com deficiência e que ela foi recebida bem por todos da escola.

Conclusões parciais

Até o momento, é possível concluir que a escola de Educação Infantil pesquisada acolhe os alunos com deficiência de maneira positiva, mas carece de serviços, recursos e estratégias de ensino para atender as especificidades de comunicação das alunas com deficiência e necessidades complexas de comunicação.

Referências

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEE, 2008.

_____. Resolução nº 04 CNE/CEB, de 02 de outubro de 2009. *Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial*. Brasília: MEC, 2009.

DELIBERATO, D. Comunicação alternativa na escola: habilidades comunicativas e o ensino da leitura e escrita. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. de J.; MACEDO, E. C. de. *Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa*. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 235-243.

DELIBERATO, D.; NUNES, L. R. d'O. P. Uso de sistemas gráficos na rotina da sala de aula regular com aluno com deficiência. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. Dossiê Educação Especial: Diferenças, Currículo e Processos de Ensino e Aprendizagem II, v. 23, n.34, p. 1-31, 2015.

LIGHT, J.; MCNAUGHTON, D. Supporting the Communication, Language, and Literacy Development of Children with Complex Communication Needs: State of the Science and Future Research Priorities. *Assistive Technology: The Official Journal of RESNA*, v. 24, n. 1, p. 34-44, 2012.

MASSARO, M. *Formação continuada do professor de Educação Infantil no contexto de sistemas de comunicação suplementar e alternativa*. 2016. 130p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2016.

MENDES, E. G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. (Org.) *Inclusão e Acessibilidade*. Marília: ABPEE, p. 29-42, 2006.

SOUZA, V. L. V. de. *Ações colaborativas em comunicação alternativa para crianças com deficiência no ensino infantil*. 2015. 349p. Tese (Doutorado em Educação)-, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VON TETZCHNER, S. Suporte ao desenvolvimento da comunicação suplementar e alternativa. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. J.; MACEDO, E. C. (Org.). *Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa*. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2009. p. 14-27.